

Divergência começa no Congresso

Tony Winston

Como conciliar um partido, cujos representantes no Congresso são empresários, engenheiros, advogados, médicos, servidores públicos, professores e até pecuaristas - como o deputado Pedrinho Abrão, acusado de cobrar propina a empreiteiras para liberar verba do Orçamento - com uma proposta de defesa do trabalhador? E como fazer isso sem criticar a política neoliberal do Governo FHC, um aliado?

Isso é o que o PTB pretende definir nos próximos dias. Com um olho nas eleições de 1998, a ambição de crescer e impor-se como uma das principais legendas, disputando governos estaduais com candidatos próprios, o PTB quer ir para as ruas com um discurso unificado.

Mas essa dificuldade já se mostra latente no Congresso, onde o partido conta com dois senadores e 22 deputados, e visões diametralmente opostas. "Não existe qualquer insatisfação com a linha do partido e nem com sua conduta, apoiando o Governo", contestou o senador Valmir Campelo (DF).

Assegurando que a insatisfação existente é de uma parcela muito pequena de membros do partido, Campelo disse que o Encontro visa buscar novas lideranças regionais para integrar o PTB e, ao mesmo tempo, "manter o discurso de conciliação entre capital e trabalho". Para Campelo, o PTB não é um partido



Campelo: "Não há insatisfação"

dirigido só para o trabalhador e nem deve ficar preocupado com seu passado e sua história,

Obrigações - Pensamento semelhante foi defendido pelo deputado Chico da Princesa (PR), egresso do PDT. "Não existe crise de identidade; o PTB defende os interesses do capital e do trabalho e por isso acolhe uma diretriz de direitos e obrigações para os dois lados".

Também a deputada Etevalda Grassi engrossa o grupo que não polemiza em torno da diretriz do PTB. "Não há problema com as coligações e nem como nosso voto na Câmara. Isso não tira as raízes históricas do partido; precisamos é estar com as bases", resumiu a deputada. (Z.A.)